

REV. 3074

M.

# STADIUM



1\$50

... Foi assim que se marcou o 2.º tento do Sporting. Mourão, num esforço de grande beleza atlética, parece empurrar levemente a bola que, afinal, foi rematada em conclusão duma avançada veloz... Francisco Ferreira não consegue deter o extremo adversário.

(Foto Nunes d'Almeida)

«SEM que todos nos integremos de boa vontade na realização de uma ideia superior de carácter nacional, nós, os que praticámos ou praticamos desporto, nunca poderemos servir a Pátria. Há, portanto, que reunir todas as boas vontades entre novos e velhos, para que de futuro os portugueses possam, em qualquer emergência, dar à Nação o que ela de nós vier a exigir».

Palavras do Director Geral de Educação Física e Desportos à «Stadium»

“STADIUM” assinala a sua reparação, concedendo a página de honra ao Director Geral dos Desportos, Educação Física e Saúde Escolar, tenente coronel Alvaro Salvação Barreto.

O facto constitui para a «Stadium» acontecimento de relevo especialíssimo, uma vez que o chefe dos Desportos, quebrando uma directriz que de há muito, a si, próprio impuzera, aquiesceu em me receber, conversar longamente, confiando através dessa conversa, um punhado de impressões e opiniões, que valem pelo seu valor intrínseco, e por terem sido ditas de viva voz e não por intermédio duma simples nota officiosa...

Como jornalista, a minha visita ao Director Geral dos Desportos, é motivo para justificar jubilo pessoal. Conhecia perfeitamente a dificuldade, quicá impossibilidade, de conseguir umas palavras para a letra de fôrma. Mas não esquecendo que a temerosa ou a irreverência, como aprouver chamar, — tem de ser a arma indispensável ao exercício do jornalismo, aguardel serenamente que a Providência pusesse a virtude na pretensão l...

Solicitada a audiência, havia que esperar. Finalmente, dias volvidos, chegou a resposta: Sua Ex.<sup>a</sup> o Director Geral, dignava-se receber o representante da «Stadium»! Estava decidida a dúvida. E com ela alcançado um triunfo: as primeiras palavras oficialmente pronunciadas para um periódico, seriam destinadas à «Stadium»!

Como bom augúrio, era impossível desejar melhor. Como êxito jornalístico, excelente. Como oportunidade, óptima.

A Avenida da Liberdade era ali... Subia-a l...

O Chefe dos Desportos recebeu-me imediatamente. Há uma cerimónia, natural, entre dois indivíduos que não se conhecem pessoalmente. Troca-se o verbal protocolo — e um apêto de mão, seco, rijo, desportivo l...

O tenente coronel Salvação Barreto convidou-me a sentar. Toimo uma poltrona, à sua esquerda.

Pelo hábito, num relance, o gabinete é devesado de alto a baixo... Sobriedade. Uma secretária, telefone, uma poltrona, cadeiras, eis o conteúdo duma sala onde o sol e o ar, omnipotentes de possibilidades atléticas, galgam sem custo e de braço dado, aquele segundo andar...

Será um gabinete provisório, por certo... A propósito, meu espírito transporta-se a regiões de sonho. Vejo um palácio de Desportos, e nêle instalado o organismo dirigente, — como deve ser!

A voz do tenente coronel Salvação Barreto, um meio tom que chega bem para comandar, risca o silêncio que, por segundos, se cavara entre nós.

Exponho em minúcia, o objectivo da visita. O Director Geral manifesta grande empenho em conhecer as directrizes que «Stadium» tenciona seguir, os nomes dos seus colaboradores, garantia indispensável duma obra consciente e construtiva. Vou elucidando. Detalhando.

Os rictus do meu interlocutor, que ouve com a máxima atenção, mantem-se inalterável. Só quando termino, se lhe desenha uma expressão de concordância. Afigura-se-lhe certa, ou com essas perspectivas, a orientação que se tomou por lema nesta nova fase da «Stadium». A revista quer trabalhar de mãos dadas com todos os que por convicção, lealdade e espírito



O sr. tenente-coronel Salvação Barreto durante a audiência que concedeu à nossa Revista.  
f. Iolo Nunes d'Almeida

desempoeirado, vivem e sentem o desporto.

O alto pensamento que preside à Direcção Geral dos Desportos, não é mais que o reflexo das necessidades da Nação na matéria em causa. Quantos possam e queiram cooperar, serão considerados bem vindos. E os que estão, devem integrar-se numa essência nova, numa doutrina diferente da existente até hoje, na maneira como será defendida e aplicada.

Com suas características definidas, «Stadium» renasce num período que poderemos classificar como de «período de consolidação» ou de «melhor aplicação da matéria prima» nacional. E o advento desse período, é marcado pela criação da Direcção Geral dos Desportos, Educação Física e Saúde Escolar.

O ten. coronel Salvação Barreto, não esconde a sua satisfação pelo programa que lhe apresenta.

Uma vez êle pôsto, aprestel-me para ouvir o Chefe dos Desportos. Pergunte! — exclamou o illustre oficial.

— Não tenho perguntas a fazer. Uma vez que o objectivo da minha visita é do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, desejo apenas ouvi-lo.

Faz-se uma pausa. O Chefe dos Desportos pouso os olhos em cima da secretária. E lentamente, medindo bem as ideias e dando-lhes coordenação metódica, tomou a palavra, enquanto o jornalista sem o interromper, passou a ser simplesmente um ouvinte atento...

«Criada para desenvolver, estimular e disciplinar a causa da Educação Física em Portugal, a Direcção Geral vem há dois meses exercendo já uma influência benéfica no ambiente onde a sua missão se projectará.

Existe a necessidade de trazer todos os portugueses à prática da Cultura Física, agitar-lhes a vontade, despertar-lhes os

músculos, remetidos a comodismo inadmissível e nocivo.

Evidentemente que o campo onde a Direcção Geral tem de actuar, é vastíssimo e requiere um índice de observação e análise, que virá com o tempo.

Primeiro, há que encarar o problema na generalidade. Já está. Depois, entrar na especialidade, na minudência do pormenor de forma a que não se perca um único subsídio para a obra a realizar.

A finalidade a atingir, captação de prosélitos para as praticas desportivas, terá de ser precedida por uma preparação especial e adequada, que habilite o indivíduo, quer seja habilidoso ou não, a dedicar-se à modalidade que lhe interessa, sem que o seu estado físico perigoso.

O «caso português» é afinal bem êste. Todos se julgavam em condições de dispendir energia, sem olhar às possibilidades de reserva. Nem medida nem conta, no esbanjar do esforço.

O mal cessará agora. Uma rigorosa inspecção médica dará ao atleta — ou pretendente a tal — a noção exacta do que pode fazer.

Uma vez submetido o indivíduo à preparação especial de Cultura Física, e verificados os efeitos dessa preparação, terá o caminho aberto para as praticas desportivas, — ou encontrá-lo-á naturalmente fechado.

É indispensável que a Cultura Física ravigore e não amarfanche.

Na prática desportiva, um tónico para o físico e um devanço para o espírito, a Direcção Geral, estimulará a facultade do indivíduo se aperfeiçoar tecnicamente, libertando-se de vícios ou defeitos, que repetidos normalmente, podem destruir os resultados fisiológicos obtidos com a Cultura Física, a que inicialmente se submeteu.

## Levemente...

### Tema oportuno

**O**S campeonatos regionais de futebol estão no fim. Daqui a poucas semanas começará a prova máxima: o Campeonato Nacional.

Não se sabe ainda, porém, quantos clubes farão parte da I Divisão. O Congresso da Federação, que havia de decidi-lo, foi adiado. Esta circunstância permite-nos abordar o assunto com mais à vontade — e incontestável oportunidade.

É necessário que as Associações regionais — os seus dirigentes e os das colectividades que elas representam — encarem devidamente o problema, sem terem em mira a defesa doutros interesses que não sejam os do desporto, neste caso o futebol. É absolutamente indispensável que as pessoas investidas em postos de comando se mostrem à altura das suas responsabilidades, negando-se à incumbência mesquinha de servirem a causa particular do clube A ou da região X, em prejuízo dos interesses gerais e com evidente atropelo da lógica e da justiça.

Ao encontro das intenções que criaram a Direcção Geral dos Desportos e dos desejos das altas individualidades chamadas para dirigí-la, parece pairar no ambiente desportivo a vontade de fazer trabalho útil, de pôr a casa em ordem... Aproveite-se, pois, essa excelente disposição e arrume-se, de vez, este «caso» do Campeonato Nacional, cujos moldes têm sido tão criticados, arremendados e sujeitos a experiências sem continuidade nem resultados definitivos.

Quero referir-me, sobretudo, ao sistema que tem servido para a escolha dos campeonatos da divisão principal, limitando-os à representação de quatro regiões favoritas, número que, na última época, foi aumentado com mais duas, estas escolhidas a dedo e com critério de selecção muito contestável... Também só no ano passado se concebeu a possibilidade da ascensão de um clube da Divisão secundária, concedendo-lhe o direito de ir conquistar o lugar no campo próprio: o da luta. No entanto, já se fala à boca pequena que esta cláusula será anulada, voltando-se ao regime anterior.

Francamente, custa-me a crer que este propósito possa vingar, tanto mais que, depois de apurado o clube que desportivamente soube beneficiar desse direito, a reviravolta de opinião pode interpretar-se como sintoma de má-fé, contrário ao superior ideal do desporto, e uma perseguição a um elemento desta grande família onde todos devem ser filhos de Deus...

Passando deste caso especial ao caso geral, quero mais uma vez, bater a tecla de que quanto mais regiões estiverem representadas na Grande Prova, quanto maiores possibilidades se admitirem de surgirem novos concorrentes e novas caras, mais facilmente progredirá o futebol e mais amplo será o âmbito da sua expansão e propagação.

Eu sei — ninguém o ignora — que o momento não é propício. Nem podemos abstrair, infelizmente,

## UM PASSO EM FRENTE

# À Mocidade de Portugal

**M**AIS um elemento ao serviço da Nação.

O desenvolvimento cada vez maior do desporto, o carinho que o Governo entendeu dispensar-lhe, criando e orientando a disciplina desportiva, que parecia não existir ou não ser compreendida, abrem uma época de perspectivo engrandecimento.

Portugal caminha ainda lentamente, e com atrasos verdadeiramente sensíveis, no desenvolvimento do desporto.

O processo de luta, por alguns aplaudido, de usar meios condenáveis, pondo de lado a lealdade devida ao adversário, para obter uma vitória, conduziu a êrros indesculpáveis, que quasi se tornaram vícios.

Há que respeitar as regras de jôgo, a consideração sempre merecida ao adversário. E' preciso nunca esquecer que só vence quem sabe vencer.

O nosso concurso aos certames internacionais quasi se não sentia, tal era a pobreza nas organizações!

Marchamos já com organização e disciplina e aperfeiçoadas uma e outra, poderemos hastear na tôrre de menagem do castelo das nossas aspirações desportivas a bandeira dos campeonatos.

Para isso não nos faltarão patriotismo, interesse, alma, bom senso e até preparação.

A *Stadium* pôr-vos-á em contacto com tudo que dignifique o desporto, quer pelas crónicas, quer pelo relato dos acontecimentos, ou pela sua apresentação fotográfica.

E a par das notícias, críticas, conselhos ou lições de carácter desportivo, algo mais se fará.

Para isso cá estamos, certos do que queremos e para onde caminhamos.

te, a parte financeira da questão. E regiões há que pouca receita concedem, além de reduzido interesse provocarem as visitas dos seus representantes aos meios mais desenvolvidos.

No entanto, uma vez que a aparição de novos concorrentes só pode verificar-se lentamente e, mesmo assim, depois deles terem prestado provas inofensíveis do seu valor, não deverá alarmar-nos a perspectiva de prejuízos constantes e repetidos, de que tanto se fala como argumento condenatório desta inovação.

Como progrediu, por exemplo, Coimbra, ao ponto do seu campeão poder conquistar, em compita com os mais consagrados agrupamentos nacionais, uma «Taça de Portugal»? Eu não esqueço que a situação geográfica da cidade universitária a favorece em relação a outros eventuais pretendentes a idêntica protecção. Mas Coimbra começou a desenvolver-se, futebolisticamente, com o direito que lhe foi conferido de figurar no número dos privilegiados. E hoje a visita dos campeões conimbricenses ao Pôrto, ou mesmo a Lisboa, produz receitas e provoca interesse.

O que se deu em Coimbra, pode amanhã dar-se, por exemplo, com a Covilhã, com Santarém, depois com Aveiro — para não falar já de outras regiões mais longínquas, como Vila Real (cujas possibilidades — sobretudo com os clubes do Pôrto... — já têm sido evidenciadas) e o Algarve, com direitos já adquiridos e conquistados na prova.

O problema dos transportes — hoje custosos e deficientes — pesa no espirito de quem tenha de encarar o assunto. Não deve, porém, ser motivo bastante para que continuem uns a ser filhos, e outros afilhados. Além de que esta situação não há-de ser eterna. E mal não nos fica — bem pelo contrário — a todos irmos concedendo direitos iguais (pois que deveres iguais se lhes exigem) para que, num futuro próximo, e tal como sucede em toda a parte, a Província se afirme e, em vez de meia dúzia de «teams» superiores, poderemos contar com uma Primeira Divisão constituída por dez, doze ou mesmo quatorze concorrentes de valor semelhante.

Abra-se, pois, o horizonte aos que actualmente são menos consagrados. Concedam-se-lhes possibilidades de vida e de progresso. Confie-se na tenacidade e na boa vontade dos desportistas provincianos. E haja moralidade... para que viviam todos...

A bem do futebol!

RUI DE LISBOA

# STADIUM

ANO II<sup>o</sup>

II SÉRIE  
N.º 1

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor  
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.D.A

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º

TELEFONE 5 1146

L I S B O A

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.  
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

Joalheria - Ourivesaria - Relojoaria  
**CASA DAS BENGALAS**

RUA DA PRATA 87 A 91  
Telef. 20256 LISBOA

Colossal sortido em  
taças de prata para  
prémios desportivos

LISBOA, 9 DE DE-  
ZEMBRO DE 1942

# Stadium

## na Capital do Noite

UMA praxe, que constitue já lugar comum, determina que, ao iniciar-se qualquer publicação, se saude, em termos mais ou menos efusivos, as pessoas ou as entidades para quem se escreve.

Sem querermos deixar de cumprir essa formalidade, vamos procurar fazê-lo — mas de forma um tanto ou quanto especial...

E, assim, ao apresentarmos, em nome da Delegação no Pôrto da «Stadium», os nossos cumprimentos a todos aqueles que, dentro ou fora do desporto, têm dado à causa da educação física cidadina o melhor do seu esforço, procurando dignificá-la e elevá-la ao nível que deve ter, fazmo-lo com aquêlle direito, com aquêlla consciência livre de quem, após tantos anos de labuta dentro d'êste meio ingrato, nada tem produzido, certamente, mas nada tem feito contrário ao princípios de elevada moral, de rectidão de pensamento, de espirito desemboçado, a par da mais sã e integerrima imparcialidade.

Só um lema, só uma divisa nos orienta, nos impulsiona, nos faz

terçar armas em prol do que reputamos ser um meio de defesa nacional; êsse lema, essa divisa está sintetizada em duas palavras: BEM SERVIR.

Programa? Orientação? Necessariamente que terão de ser aquêlles que, no editorial de hoje, a «Stadium» indica aos seus leitores.

Adaptaremos às necessidades do meio desportivo português e nortenho êsse programa, essa orientação, que serão norteados pelos sãos princípios da equidade perante o direito de cada um, protecção dos pequenos agrupamentos, dentro de acção condicionada, moralização dos desportos, defesa da sua razão de existência, elevação dos princípios racionais conducentes ao robustecimento da espécie.

Lutaremos por melhor aproveitamento dos novos, por uma mocidade nacional mais forte, mais pura, ao mesmo tempo que combateremos os desregramentos, os excessos, as causas de depauperamento físico da juventude.

Se isto constitui um programa, uma orientação, êles aí ficam para a critica dos nossos leitores!

## DO PALCO E DA GERAL

### AR CÊNICO

QUIS o destino, não eu, que voltasse de novo a assumir a direcção duma secção teatral em jornal de desporto.

Na primeira, quem quer cai; na segunda cai quem quer... Mas quanto a mim, parece que as coisas não estão assim muito certas.

Enfim, cá estou de novo na trincheira com o meu capacete de aço bem experimentado, a respectiva máscara anti-gás, os óculos contra estilhaços e um regular aprovisionamento de munições de... boca.

Confesso que preferia estar armado dum bengalão, mas como modernamente somos obrigados a deixar as bengalas e guarda-chuvas, — isto é, objectos fortemente sonoros — nos bengaleiros, apresento-me desarmado, em attitude de defesa passiva e apenas... contemplativo.

Para principiar, começo por afirmar às pessoas que me desconhecem que não sou nenhum «Bravo do Mindelo». Isso acabou-se. Agora há só Mindelo. Bravos são os toiros que o meu querido amigo Roberto Fernandes tanto desejava ter visto — e não viu — êste ano em Espinho.

Eu não pretendo — agora a sério — impôr-me como crítico, o que seria duma imodéstia a tôda a prova, nem tão pouco como orientador de ninguém, mas tão sômente desejo fazer sentir a todos — artistas, autores, empresários a valer ou não, o verdadeiro sentir do público da geral, aquêlla geral e aquêlle público que alguns empresários ou proprietários de teatros teimam em que se sente no chão e não se importam que veja e oiça o que se passa no palco. E em seu nome que eu interpretarei aqui o sentir dos que pagam o «bufam»... e vão lá para fora aos empurrões.

Está feita a apresentação de

CARVALHO DO NORTE

### POEIRA DOS PALCOS

#### Ejemerides

No dia de hoje, 9 de Dezembro de 1880, isto é, há 62 anos, nasceu em Lisboa o illustre poeta, escritor e jornalista dos mais justamente categorizados, Gustavo de Matos Sequeira, o homem que descobriu Lisboa Antiga, a Lisboa das seges, e cadeirinhas, dos peraltas e sécias, a linda Lisboa da tradição.

Um grande abraço ao único poeta que cantou em belo soneto a figura inconfundível do nosso camarada Edurisa:

Das praias da Papúsia chegou hoje à costa lysia o gran Critico Edurisa

Os «Sinos de Corneville», original de Claireville e Gabet, opereta em 3 actos e 4 quadros, foi apresentada pela primeira vez em Portugal no Teatro da Trindade, em 12 de Dezembro de 1877. Já lá vão 65 anos!...

No próximo dia 12 faz 7 anos que morreu no Hospital de S. José, em Lisboa, o actor José dos Santos — o popular «Zé Gordo». Êste artista entrou para o teatro o mais pagadamente possível, pois antes guardava os carros dos espectadores. Fazia uma coisa para a qual muitos em teatro não têm habilitade...

O seu primeiro lugar foi o de alfaiate do actor Carlos Leal, que acumulava com o de figurante. Chegou a actor e foi nessa qualidade várias vezes ao Brasil. Era modesto e simpático e nunca procurou os jornalistas por causa da colocação do seu nome na primeira ou última linha da critica...

### Assine a Revista «Stadium»

O mais fiel depositário do movimento desportivo do País

PREÇO DE ASSINATURA	
3 meses Esc.	19\$50
6 » »	39\$00
12 » »	78\$00

Mais um aniversário necrológico: coincidindo com o falecimento de José dos Santos, deu-se o de alguém de bastante relevo no jornalismo e na arte de Thalma. Refiro-me à simpática figura de Machado Correia. Faleceu com 74 anos. Foi autor teatral, ensaiador ao lado de Augusto Rosa, pontou muita dezena de peças, declamou primorosamente e até foi secretário de empresas. Era um conversador muito interessante. Trabalhámos juntos e as noites em que ambos estávamos de piquete eram para mim deliciosas. Começou a trabalhar para o teatro em 1888.

Está actualmente no teatro uma sua filha, contratada do empresário António Macedo, a qual, se a vaidade a não estragar — e isto «leva água no bico...» — deve vir a ser um apreciável elemento no teatro ligeiro. Refiro-me a Maria Alberta. E bem diferente do pai, êsse querido camarada que a morte nos roubou há 7 anos!

No dia 14 também faz anos, — mas desta não se dizem quantos — a querida actriz Beatriz Costa, agora tão longe de nós. Se fôsse possível fazer-se uma prega no caminho, ia lá dar-lhe um fraternal abraço de muita amizade. Se calhar, encontrava lá uma bicha!?

Justino M. Costa

Rua Augusta 229-3.º // LISBOA  
Telefone 25592

Material eléctrico • Comissões e Consignações

Antão Murques L. da

60 R. DA MOURARIA, 64 // Telef. 29866 // LISBOA  
MATERIAL ELÉCTRICO

ARTIGOS SANITÁRIOS  
INSTALAÇÃO E REPARAÇÃO  
LUZ, FÔRÇA ÁGUA E GAZ

Armazens Paraízo

D. Simões & C.<sup>a</sup>  
SANGALHOS

Telefone  
Sangalhos 3

Telegramas  
Paraízo  
Apertado 3

Armazem de bicicletas e acessórios

Representante para Portugal das afamadas bicicletas

Peugeot, Perry, New Hudson,  
Ray e Veleda



# FUTEBOL



O «Benfica-Sporting», o cartaz berrante que atrai multidões, o embate que faz vibrar e prende as atenções do público desportivo do país inteiro, revestiu-se, desta vez, dum interesse especial. Integrado, por capricho do Destino, na penúltima jornada do campeonato lisboeta — à qual chegaram em igualdade de pontuação e de esperanças os três «maiores» — este encontro destinava-se a ter influência quase decisiva para a adjudicação do ambicionado título e era para um dos protagonistas, o Sporting, um caso «de vida ou de morte»...

## Várias hipóteses e a realidade

Aos «leões» só servia a vitória, para «continuarem» na prova, restando-lhes depois, para a conservação do título tão da sua predileção, precaver-se contra o Atlético no dia do fecho da competição. Um simples empate, daria ao «Belenenses-Benfica» do domingo imediato, foros e categoria duma «final».

Compreender-se-ão, portanto, o entusiasmo, a vibração e o ardor com que os campeões regionais se dispuseram a levar a melhor a uma equipa cuja «alma» faz parte das tradições desportivas da nossa terra.

Desses triunfos, pois, e doutros não menos valiosos, se serviram os representantes do Sporting para alcançar — e defenderem — o resultado que necessitavam.

## Bom vencedor

Técnicamente, o «onze» vencedor afirmou-se à altura das suas necessidades e da sua vontade, pois com excepção de curtos períodos no segundo tempo (e mais demorada e claramente logo após a última bola dos contrários) nunca deixou de comandar as operações, quer na ofensiva, quer na defensiva.

Tal como acontecera oito dias antes (ao obter, contra o Belenenses, uma vitória que a maioria não previa, e que lhe abriu o caminho para o triunfo final), o Sporting, com um jogo de colocação perfeito e afinado, venceu e convenceu.

Os interiores do Benfica, como os dos «azuis», não «existiram», no domingo, no Lumiar, e o avançado-centro Brito, como também já sucedera a Gilberto, viu-se desamparado e pouco pôde fazer, por isso e por ter pela frente uma defesa com a velocidade e a decisão que Manuel Marques tem evidenciado no seu novo pósto.

Com Azevedo, cheio de confiança e na sua melhor «forma», e Nogueira, que cumpriu útilmente a missão que lhe competia, o Sporting dispõe presentemente dum conjunto defensivo que satisfaz e que brilha, ainda que, no encontro a que nos estamos referindo, Cardoso reaparecesse com uma exibição modesta e Marques tivesse alguns «desentendimentos» com o seu guarda-redes, que podiam ter sido funestas para a equipa.

O ataque continua a adoptar, com êxito, aquela toada de jogo largo e isento de filigranas que tantos triunfos tem provocado, e à

## A DEFESA E A CONQUISTA DUM TÍTULO Sporting e Benfica exibiram-se à altura dos seus pergaminhos

qual se adaptam perfeitamente os diferentes temperamentos dos seus componentes, dos quais se destacaram, desta vez, os dois da asa direita. Mourão foi, mesmo, um dos melhores homens no terreno e Daniel distinguiu-se pela categoria de alguns passes, um dos quais — primoroso! — com o pé de dentro, desmarcou dois adversários e propiciou ao seu extremo um «goal» vistoso.

## Vencido condigno

O Benfica só se «convenceu» quando souo o silvo final.

Durante a hora e meia da luta batalhosa e energética e decididamente pelo empate, que já lhe bastava, ainda que não fosse o resultado ideal.

Na segunda parte, mesmo, a bola conservou-se mais tempo no meio-campo defendido pelo Sporting. Um bom «shot» de Brito (quando o resultado estava em 2-1) bateu Azevedo, mas o esférico esbarrou na trave. Uns escassos centímetros de diferença e o desfecho talvez tivesse sido bem diferente... Havia ainda vinte e cinco minutos para jogar e o Benfica parecia «crescer»... Com o terceiro tento adversário, marcado pouco depois deste lance, as coisas modificaram-se... Mas, até final, os rapazes das camisolas vermelhas não cederam, movimentaram-se, lutaram como verdadeiros desportistas, sem dar tréguas nem mostrar desânimo.

E quando, à entrada do último quarto de hora, reduziram a diferença para o mínimo, o Sporting «oscilou». Ligeira desmoralização que não pôde ser explorada... porque a sorte se negou aos «encarnados», num ou noutro lance, e noutros... porque Azevedo estava lá...

Portanto, duma maneira geral — pode afirmar-se: Os rapazes do Campo Grande não desmereceram da confiança dos seus simpatizantes. Foram, como já frizámos, ligeiramente inferiores, sob o aspecto técnico, aos seus vencedores — o bastante para justificar o resultado — mas o seu comportamento, aliás de aplaudir, teve ainda o mérito de mais valorizar o resultado alcançado pelos actuais campeões de Lisboa.

Sobressaíram, individualmente, Gaspar Pinto (a grande altura), Brito, pelo que tentou fazer, e Rogério.

Francisco Ferreira deu menos rendimento que habitualmente e Martins, com poucas intervenções dignas do seu nome, pareceu-nos com «culpabilidade» no segundo tento sofrido.

## Excelente espectáculo

Este «Benfica-Sporting» pode enfileirar entre os melhores da extensa

série. Houve emoção, entusiasmo dentro e fora do terreno, largos períodos de bom futebol e correcção da melhor (à parte um ou outro «deslize» do defesa esquerdo «encarnado»). A tarde estava propícia e o público ocorreu, como era de esperar, registando-se assistência-«récord» da temporada.

Encontros como este, em que os jogadores gastam generosamente as suas energias e em que o público aficionado vibra e se mantém interessado até o último minuto, constituem sempre excelente propaganda do belo jogo inglês — viril, másculo, alicante — que não dispensa, além da habilidade natural, a preparação física cuidada, o «gosto» e a inteligência dos seus praticantes.

Pena foi que o árbitro não tivesse comportamento inteiramente à altura da situação. O sr. João Vaz, no primeiro quarto-de-hora impôs-se bem aos jogadores e ao público, mas depois abusou do apito e em quatro ou cinco lances — o que é demais — para assinalar «fouls» com evidente benefício para o infractor contrariamente ao que determinam as leis do jogo.

De resto, foi cuidadoso, viu bem algumas deslocações difíceis e não se cansou de acompanhar sempre a bola. Mas podia ter sido melhor, tanto mais que, a despeito da energia e da vivacidade com que decorreu a luta, esta não foi difícil de conduzir.

## Os nomes, os «goals» e pouco mais

Alinharam:

*Sporting:* Azevedo; Cardoso e M. Marques; Paciência, Nogueira e Canário; Mourão, Daniel, Peyroteo, Pireza e Cruz.

*Benfica:* Martins; Gaspar Pinto e Freire; Jordão, Albino e F. Ferreira; Rogério, Julinho, Carlos Brito, Teixeira e Manuel da Costa.

O Benfica foi o primeiro a marcar. Ao quarto de hora, Manuel da Costa beneficiou da hesitação de Cardoso para dar o remate desejado a um «toque» de Teixeira. Mas no minuto seguinte os «teams» estavam de novo em igualdade: Mourão, desmarcado pelo excelente passe de Daniel, atirava a bola para o fundo das rédes.

Dez minutos depois Mourão repetia a proeza, aproveitando em corrida, e sem deixar tocar no solo, uma bola vinda da esquerda e que Martins, pregado ao terreno, deixara cruzar na sua área.

Até o intervalo, ainda que competissem a Azevedo as defesas mais espectaculosas, foi ao Sporting que dispôs de maior número de ocasiões claras de «goal» — duas desperdiçadas por Peyroteo e outras duas por Cruz.

No reatamento o Benfica tomou

a ofensiva. Um «vôo» de Azevedo, para se opor a um «tiro» de Brito, arrancou palmas. Uma «cabeça» de Cruz, no seguimento dum livre bem marcado por Mourão, ia resultando. E veio a bola na trave dos «leões». E continuou a insistência dos visitantes. Até que a meio do tempo os campeões aumentaram a vantagem. Num contra-ataque leonino, Mourão centrou com boa conta, com precisão tal que Pireza, positivamente parado e livre de adversários devido a um «engano» feito por Peyroteo, pôde apontar ao canto, tornando inútil a estrizada de Martins.

O último tento da partida resultou dum falhanço de Marques, que, ao tentar emendá-lo, acabou por colocar a bola ao alcance de Rogério. A passagem deste proporcionou a Brito, então a interior direito, o «shot» que fez passar a bola por um pequeno intervalo entre o corpo de Azevedo e a baliza.

E o resultado não se desfez mais, prevalecendo o de 3-2, favorável aos «leões» que, depois deste memorável encontro, se propõem a conservar o título que há uma dezena de épocas só uma vez lhes escapou.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, ilustre Director Geral dos Desportos honrou o desafio com a sua presença.

RUI DE LISBOA

## Belenenses Unidos

A defesa [do] Unidos impôs e justificou o empate 2-2 com o Belenenses

NO tapete relvado das Salésias defrontaram-se Belenenses e Unidos, em «match» que teve duas feições distintas: defensiva bem ordenada dos visitantes, com Leonel em plano superior; maior porção de domínio por banda dos «azuis», porém sem finalidade prática. E o empate ajusta-se de certo modo à forma por que o jogo decorreu, na generalidade nivelado e agradável de ver-se. Quere dizer, em síntese: se Belenenses tivesse sabido coordenar melhor os seus esforços, principalmente na segunda parte, e os «forwards» aproveitassem as aberturas de Amaro e o jogo dado à frente por Simões, talvez viesse a ganhar a partida; mas, por outro lado, o Unidos acautelou a defesa, procurando sempre neutralizar os ataques dos donos do campo; e quando passava à ofensiva fazia-o quasi sempre com perigo imediato para as balizas à guarda de Salvador, que, de resto, pouca soma de trabalho difícil teve, relativamente, para as vezes em que foi chamado a intervir. Outro permenor que merece assinalar-se: a frequência das passagens dos «backs» ao «keepers», sem vantagem para a continuidade do jogo, antes «embarçando-o», contribuiu, talvez.

(Continua na página 11)

# FUTEBOL PORTUENSE

## Comentários à 8.ª jornada

O campeonato regional de futebol voltou a apresentar surpresas no passado domingo, tal como o havia feito já na terça-feira, 1. Então foi o F. C. do Porto que sossobrou; agora tocou a vez aos imediatamente inferiores. O Leixões caiu em frente dum Boavista mais feliz, e o Leça conheceu a derrota perante o Académico, que, assim, deu de mão à avença que havia tirado para empates.

Quem viu jogar o Leixões com o F. C. do Porto, no seu campo, e o viu a lutar com o Boavista, deve ter ficado na dúvida se o grupo seria o mesmo. De facto, os matosinhenses nem sequer tiveram talento para se defender, permitindo que o ataque «negro» os dominasse como quis e lhe pareceu. Voltou o Boavista a filigranar a bola, num «association» quasi imperfecto, mas mais positivo, mais senhor do seu papel. Os seus sectores não tiveram um senão; diligentes, aguerridos, usaram os pés, no remate às rédes, com segurança, batendo a bola no momento preciso para que ela se fosse anichar no fundo da baliza. Jogo visto de combinações, sentido de coordenação e antecipação de jogadas de tudo fizeram gala os do Bessa, comandando a partida, superiores até... no marcador, o que já não acontecia há muito tempo. Fimaria o asar? Fraquíssimo o Leixões, sem convicção, tem muito que corrigir para não perder a posição.

Igualmente o Académico, o campeão dos empates (cinco em sete jogos), estreou-se no capítulo «victórias», batendo o Leça, no campo deste, pela tangente, depois de haver dominado bem. A defesa do Lima continua a ser o grande reduto; assim ocorreu na primeira parte, oferecendo ao Leça uma resistência eficaz. Técnica definida? Ainda não, mas o grupo tem possibilidades. Falta congregá-las. Entretanto parece que a passagem de Eliseu para o eixo atacante deu nova vida à equipa. Será assim? O futuro o dirá. Os leceiros, tal como os seus companheiros da beira-mar, também se inferiorizaram extraordinariamente. Deixaram-se bater, jogando no seu próprio ambiente, o que é caso para admirar. Mau dia para os grupos de além barreiras, e o pior é que há quem espregite as posições que ocupam...

O F. C. P. continua a ganhar, mas a não convencer. Bateu o Salgueiros com este inferiorizado pela falta do seu guarda-rédes titular, seriamente lesionado a dois minutos do início do jogo. João e Oliveira que o substituíram fizeram o favor de estar na baliza... Pois nem assim o «leader» soube aproveitar as circunstâncias para construir um resultado vantajoso, ou, pelo menos, para treinar.

A classificação, depois desta jornada, ficou assim:

F. C. P., 21 pontos; Leixões, 17 pontos; Leça, 16 pontos; Académico, 15 pontos; Salgueiros, 14 pontos; Boavista, 12 pontos.

FLOREANO BASTO

A I por meados do mês de Maio chegava ao continente um grupo de desportistas moçambicanos, que vinha precedido de boa fama, e, dizia-se, pretendia promover a propagação do pugilismo daquela nossa possessão ultramarina. Eram eles: Beni Levi — que breve se tornou ídolo das multidões — Luís Eugénio («Xangai»), Fernando Matos e Carlos Wilson. Chefiava a missão o sr. Canelas Júnior, um amador algarvio que há quinze anos fôra para África e por lá continuara a desenvolver a sua acção no campo desportivo com os melhores resultados. Esses pugilistas — que iriam dar bra-



BENI LEVI

do — tinham sido todos treinados por êle. Fêz-se a campanha de propagação respectiva — e quando a equipa se apresentou, integrada numa nova organização de «boxing», que tinha como recinto de espectáculos a praça do Campo Pequeno, logo o público viu que podia contar com um verdadeiro «team» de campeões, apercebendo-se de que não era de favor o réclame havido à roda dos pugilistas de Lourenço Marques. Passou-se o tempo, promoveram-se várias sessões — sempre com bom êxito — e na actualidade sabe-se que o «boxing» português pode contar com um autêntico campeão de classe internacional, com bastas provas dadas do seu valor: Beni Levi, rapaz novo, que entusiasmo e faz vibrar a turba.

Falou-se já muito — glosando todos os temas e tocando até tôdas as escalas do teclado da máquina de propagação — dos «boxeurs» de Moçambique. Algo se tem escrito e dito acerca deles. E o público — criança eternamente grande — dividiu-se em apaixonantes opiniões, a ponto de se criar um ambiente especial à volta da equipa moçambicana. Agora mais ainda — com o regresso inesperado de Wilson e de Matos e o anúncio de breve estreia de mais um «boxeur» da colónia. Stadium, que reaparece, não podia, evidentemente, alhear-se do acontecimento predominante da actualidade desportiva. E a reportagem surge, assim, naturalissimamente...

Não é precisamente um desconhecido o novo pugilista que Canelas pretende apresentar ao público de Lisboa. Trata-se de Jorge Larzen, que o público conheceu como jogador de futebol da Academia de Coimbra, do Académico do Porto e do Caravelinhos, de Lisboa. Mas — e nisso está toda a novidade! — Jorge Larzen (como aliás todos os seus companheiros desportistas praticantes do Clube

# Como vivem e treinam Beni Levi e os seus companheiros moçambicanos

## Larzen, que vimos a jogar futebol, é o novo pupilo de Canelas

Ferrovários de Lourenço Marques) é um atleta eclectico. O futebol interessava-lhe como desporto subsidiário — mas o pugilismo interessava-lhe muito mais, praticando-o com assiduidade e aproveitamento em Lourenço Marques. Veio para o continente contratado como jogador de futebol — mas assim que soube da estada dos antigos companheiros de clube na metrópole procurou o chefe da missão e propôs-se deixar o futebol pelo «boxing». Principiou desde logo a sua preparação, seguindo treino aturado. E agora está em condições de apresentar-se em sessão pública!

É num cantinho ao sol, entre pinheiros, à beira-mar, que a equipa tem o seu campo de treinos. Longe do bulício da capital — aí a umas duas léguas de Boliqueime, na costa algarvia. Quando o mar se enfurece e as ondas revoltas vêm beijar a areia da praia — entre a casa campestre, que serve de pousada, e o mar, dista apenas uma vintena de metros. E é nesse recanto saudável e isolado da costa do Algarve — sítio denominado prosaicamente de Olhos de Água — que os «boxeurs» de Moçambique treinam. A pousada do Cacém utilizada simplesmente nas proximidades dos combates no Campo Pe-

queno. Todo o trabalho de preparação é produzido nos Olhos de Água, com isolamento a que nem toda a gente estaria sujeita... Mas



LARZEN

o «boxing» tem as suas contrariedades e obriga a sacrifícios como aquele: por isso os pugilistas disciplinados, que fazem da sua profissão um verdadeiro sacerdócio, se submetem à vida regrada de que necessitam para não perder faculdades. Assim é com Levi; e o mesmo sucede com Larzen, um rapaz de 23 anos que procura a sua «forma» com tenacidade, a fim de se apresentar em toda a sua pujança.

Esperar com paciência o «momento psicológico», a ocasião oportuna — é ainda uma grande virtude que orna os homens de carácter e que sabem o que querem e para onde caminham. Aguarde-se, por conseguinte, a estreia de Jorge Larzen, como se esperou pela de Beni Levi. E assim como o campeão nacional dos meios-médios, sob cujos punhos tiveram de render-se Garcia Alvarez e Ferrer, Clavari e outros, pôde criar fama e tornar-se ídolo de actualidades desportivas — também Larzen pode vir a dar que falar de si...

JORGE MONTEIRO



XANGAI

## Bicicletas "FLECHA"

**A QUE TODOS PREFEREM**

**A ILUMINANTE**

**AV. ALMIRANTE REIS, 6 — LISBOA**



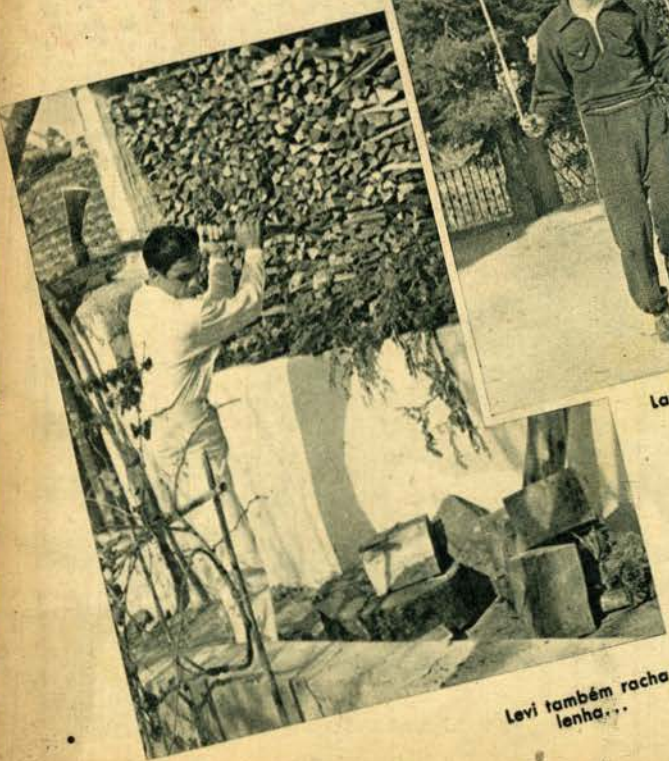
Levi e Xangal em animado treino



Singular preparação física com pedras...



Levi enrije os músculos fazendo de cavador



Levi também racha lenha...



Larzan no clássico saltar à corda



Alegre regresso do «trabalho»...

A energia foi a característica dominante, como prova esta animada fase.



Os "leões" formam cacho, mas Azevedo, sempre na brecha, valeu por todos...



Freire não deixou Mourão durante o encontro... O correcto avançado "leonino", segue de olhos na bola.



Outro aspecto da constante luta entre Mourão e Freire



# Com a vitória de domingo o Sporting assegurou o título!...

Mourão fura, entre F. Ferreira e Freire, para fazer o 1.º ponto do Sporting!



Espectativa, esforço e surpresa perante... o esboço de "vãos planados..."





# ACONTECIMENTOS DE DOMINGO

## HOCKEY EM CAMPO



Dois fases do jogo Benfica - Hockey que terminou pela vitória do primeiro



Tavares da Silva, autorizado crítico desportivo, fez no domingo uma palestra sobre touros, a convite da Tertúlia. Foi uma ástucica. Uma variante curiosa, na sua faceta jornalística.

Com um banquete, ao qual compareceram cerca de cem convivas, o Club Internacional de Futebol comemorou o seu 40.º aniversário. Na presidência, o Director Geral dos Desportos e Educação Física, sr. ten. coronel Salvação Barreto.



O estilo do guarda-redes belenense Salvador...



... e o do Unidos, Eduardo Santos.

Uma jogada de emoção no decorrer do jogo Fósforos-Atlético. Rosa, guarda-ão atlético, esquia bem à carga do adversário.



## CROSS-COUNTRY



Em plena prova organizada no domingo pelo Sport Lisboa e Benfica



# O CAMPEONATO DE LISBOA DE FUTEBOL

## Belenenses — Unidos

(Continuação da página 5)

para apressar o desnoite que pelo tempo adiante se verificou entre os belenenses, consequência de enervamento resultante da dificuldade encontrada na marcação de «goals».

O Unidos foi um «team» cauteloso ao máximo, ao contrário do Belenenses — que jogou sempre «mais amplo». O sistema, porém, resultou improficuo, em virtude do cuidado pósto na defesa pelos unidistas, com um sentido de marcação estreita aos interiores e antecipações dos «backs» aos dianteiros belenenses.

No primeiro quarto de hora os «azues» operaram mais ataques — mas quasi sempre desarticulados; e ao declinar desse período preliminar, os Unidos, aproveitando-se dumha das aludidas entregas de bola dos «backs» para Salvador, obtinha o «goal», com uma oportuníssima entrada de Rebelo. Foi um excelente ponto, marcado com o pé esquerdo, a atirar o esférico para o sitio próprio. O empate demorou bastante — conseguido por José Pedro, aos 25 minutos: um «alívio» de Gomes, frouxo, encontrou o belenense bem colocado; e o «goal» apareceu naturalmente. Mas quatro minutos decorridos os unidistas colocavam-se de novo na situação de vencedores: um «corner» cedido por Feliciano (sem necessidade, pois não estava em apuros) foi muito bem rematado por Tanganho com um golpe de cabeça vistoso. A beira do intervalo Franklin viu um «goal» anulado — por falta que só o árbitro 'deve ter visto. A segunda parte começou com o Belenenses ao ataque; e aos cinco minutos estava o empate feito, com um remate de cabeça de Franklin sobre o centro de Gilberto. Até final do desafio não houve mais «goals» — e alguns podiam ter sido marcados, principalmente do Belenenses. Simões e Amaro (o último em especial) bem se cansaram a «empurrar» o ataque; mas Gilberto — que não esteve feliz — Rafael e Franklin não deram seguimento conveniente ao jôgo; e nem a insistência de Elói bastou para incutir ânimo nos companheiros...

A medida que o final do jôgo se

aproximava — como não houvesse «goals» e a defesa unidista se estava portando bem — os «forwards» belenenses mais se enervavam, acabando por não se entenderem. José Pedro teve o triunfo à vista nos últimos minutos (numa ocasião soberana) mas Eduardo Santos — um «keeper» que está tendo boa cotação! — opôs-se-lhe no momento preciso e frustrou-lhe os intentos. Mas Tanganho igualmente beneficiou dumha oportunidade de garantir a vitória ao seu «team»: Salvador, contudo, defendeu superiormente o remate do unidista.

A destacar, no Belenenses, Simões, Amaro, Elói — o avançado mais empreendedor e activo — e Gomes, na primeira parte. Salvador cumpriu e Serafim foi um «half» que esteve sempre longe dos avançados. Feliciano secundou o companheiro como convinha. José Pedro teve algumas boas entregas de bola a Rafael — mas a passar ao centro não foi tão acertado.

Leonel — a figura principal do Unidos — desempenhou papel de primacial importância, bem secundado por Gomes e Eduardo. Os visitantes tiveram no reduzido defensivo o seu mais forte esteio — e só isso explica o empate. Baptista jogou muitíssimo — sendo o melhor dos «halfes» unidistas — mas Carlos Pereira e Félix foram auxiliares preciosos da defesa. Assinale-se também o comportamento dos interiores: Tanganho e Rebelo sacrificaram-se bastante para garantir unidade ao «team»; no sistema defensivo pósto em prática; mas ao ataque não foram tão proficuos. Armindo pouco jôgo teve e Gralhó cumpriu quanto possível, dado que defrontou um «half» como Amaro e um «back» da qualidade de Simões. Pacheco esteve pouco «medido», não fazendo esquecer Arnaldo Carneiro.

A arbitragem do sr. Augusto Machado — com altos e baixos e nem sempre feliz — não desvirtuou, porém, o resultado.

Em conclusão: partida sem grande espectacularidade mas bem orientada. Equilíbrio geral. E dificuldade do Belenenses em «abrir caminho» para a baliza, com evidente prejuizo do «score». Sentido prático do Unidos, que se acouteleu o suficiente para não perder e merecer o empate.

JORGE MONTEIRO

## Uma partida de emoção

Atlético, 5 — Fósforos, 4

O jôgo efectuado no domingo, em Marvila, entre o Atlético e o Fósforos, teve desfecho lógico. Ganhou o «team» que melhor conduziu a partida.

Actuando apenas com dez elementos em toda a segunda parte, por expulsão de Mendes nos derradeiros minutos do primeiro tempo, o Atlético soube, exactamente durante esse período, organizar-se bem à defesa, e criar as situações necessárias ao ataque para ter jus ao triunfo.

E melhor resultado poderiam os visitantes obter, se o seu médio-centro Gregório não fraquejasse de maneira flagrante, e ainda se o «team», no primeiro tempo, tivesse procurado jogar menos com a bola no ar, como o fez no decorrer dos últimos 45 minutos com vantagem notória para a equipa.

Técnicamente a partida foi fraca. Muito corpo-a-corpo, com interrupções constantes para marcação de livres, bola demasiadamente no ar, como já acentuámos, e de quando em vez uma pontinha de dureza, quasi sempre da banda dos visitados, nem sempre reprimida convenientemente pelo árbitro.

Uma virtude, no entanto, teve o encontro.

As oscilações constantes do marcador. A 11 minutos do fim, subsistia um empate a 4 pontos e, no decorrer dos 90 minutos quatro vezes os grupos estiveram empatados.

Cinco jogadores estiveram na base do triunfo do Atlético: Baptista, Francisco Lopes, Marques, José Lopes e Ramos Dias. Lopes, então, foi de uma utilidade constante.

No Fósforos, cuja vivacidade ia surpreendendo um adversário mais categorizado, Maia, Izidoro, Custódio e Correia Pinto foram elementos em destaque.

Arbitrou o sr. João Pereira de Almeida, que acusou um tanto a sua estreia em jogos de maior importância. Os dois «teams» apresentaram-se assim constituídos:

**Fósforos:** Rogério; Maia e Antunes; Izidoro, Custódio (cap.) e Moraes; Correia Pinto, Ferrer, Cruz, Banhos e Borges.

**Atlético:** Rosa; Baptista e Mendes; Correia, Gregório (cap.) e Francisco Lopes; José Lopes, Catinana I, Ramos Dias, Armindo e Marques.

## II Divisão da A. F. L.

O Campeonato da II Divisão da A. F. L. teve, no último domingo, mais uma jornada — a nona.

Como habitualmente, disputaram-se quatro encontros, que forneceram os seguintes resultados:

Estoril, 7 — Operário, 0.  
Marvilense, 3 — Casa Pia, 0.  
Chelas, 4 — S. L. Olivais, 1.  
Sacavenense, 6 — F. Benfica, 2.

Nenhum destes resultados pode considerar-se surpresa e todos se ajustam ao desenrolar das pugnas. Venceram os grupos que, na realidade, fizeram melhores exhibições e nem seria legítimo supor o contrário, tão nítidas são as diferenças numéricas desses resultados.

Os estorilenses fizeram ver que o embate da primeira volta, no seu campo não foi desfecho normal. Os marvilenses, com o perigo, ainda que relativo, do último lugar à vista, saíram-se airoosamente da contenda, atirando os caspianos para maiores dificuldades. O Chelas obteve excelente triunfo e o Sacavenense parece disposto a recuperar terreno perdido.

Nos quatro encontros das categorias principais marcaram-se vinte e três «goals» o que, até certo ponto, recomenda o mérito das formações dianteiras dos clubes.

A excepção do Estoril, os triunfos pertenceram aos «teams» que jogaram em casa.

Depois dos encontros de domingo, as classificações ficaram assim:

	V.	E.	D.	Bolas	P.
1.º Estoril.....	8	1	—	44-13	26
2.º Olivais.....	5	1	3	17-20	20
3.º Sacavenense.....	5	—	4	24-19	19
4.º Chelas.....	4	1	4	17-17	18
F. Benfica.....	4	1	4	17-20	18
6.º Marvilense...	3	1	5	17-20	16
7.º Operário....	1	4	4	13-22	15
8.º Casa Pia.....	1	1	7	7-25	12

Verifica-se que o Estoril aumentou a sua vantagem de 4 para 6 pontos sobre o segundo classificado. O Olivais manteve a segunda posição, mas viu aproximar-se de si o 3.º classificado. O Sacavenense subiu um furo (de 4.º para 3.º) e o Chelas também (de 5.º para 4.º). O Futebol Benfica perdeu terreno (de 3.º para 4.º). Operário e Marvilense permutaram os seus lugares. E, finalmente, o Casa Pia viu comprometida, ainda mais, a sua carreira, perdendo, quasi por completo, a esperança de evitar os jogos de passagem.

No próximo domingo disputam-se os seguintes encontros: Sacavenense-Marvilense, Casa Pia-Chelas, Estoril Praia-F. Benfica e Olivais-Operário.

ZÉ DO PEÃO

## EMPRESA COMERCIAL de Máquinas e Electricidade L. da

Armazem de material eléctrico  
Instalações electricas de luz e força

A casa que possui os mais lindos modêlos de candieiros

Rua da Palma 225 a 235

Telefones 28156 — 29940

LISBOA

(Continuação da pág. 2)

**C**ORRIA o ano da graça de 1936. Havia muito já que se reconhecia ser mister tornar os jovens em elementos de resistência contra as vicissitudes do momento, formar-lhes carácter no culto da melhor, da mais fecunda disciplina — a que se apoia na vontade própria e na procura do próprio domínio.

É então que o professor doutor Carneiro Pacheco, ao tempo Ministro da Educação Nacional, cria a *Mocidade Portuguesa*.

Aparecendo no Decreto-lei n.º 26.611, de 19 de Maio de 1936, em cumprimento do anteriormente disposto na base XI da lei n.º 1.941, de 11 de Abril do mesmo ano, a *Mocidade Portuguesa* é destinada a estimular o desenvolvimento integral da capacidade física de toda a juventude, escolar ou não, a formação dos eu carácter e a devoção à Pátria, no sentimento da ordem, no gosto da disciplina e no culto do dever militar. E o Decreto n.º 27.301, de 4 de Dezembro de 1936, regulamentou a sua organização.

Retomando a *Stadium* o seu lugar na imprensa, numa altura em que ressoam ainda os ecos das festas do 1.º de Dezembro — dia que a *Mocidade Portuguesa* adoptou para as suas comemorações próprias — é de inteira justiça e oportunidade que lhe dediquemos algumas palavras.

A prática generalizada da educação física e dos desportos, em boas condições de regularidade, renovando por completo o espírito, hábitos e costumes da juventude portuguesa — deve-se-lhe grandemente.

Atestam-no o grande número de exhibições feitas, as classes de ginástica especializada, a actividade dos «centros» desportivos, os jogos, torneios e campeonatos, a realização de acampamentos, a criação da «milícia», iniciando entre nós de forma lata o ensino pré-militar, etc.

Organizando cruzeiros a bordo da *Sagres*, promovendo viagens de estudo no estrangeiro, a *Mocidade Portuguesa* agita, estimula e desenvolve, em todos os seus pormenores, a actividade dos jovens de Portugal.

Fazendo a formação e a preparação dos seus elementos em ambiente liberto de quaisquer idéias de competição mal compreendidas, onde a primeira condição é a disciplina, interior e exterior, a *Mocidade Portuguesa* pode hoje orgulhar-se de possuir numeroso lote de desportistas na mais elevada, pura e verdadeira aceção do termo.

E nesse dia, por que todos nós anciamos, em que se lhe abrirem as portas do Estádio Nacional, a

A Direcção geral velará por esse aperfeiçoamento técnico, providenciando no sentido das colectividades poderem dispor de elementos à altura da missão que se lhes comete, demais que da D. G. emanará a doutrina uniforme para a consecução do que se pretende.

«Há depois a parte disciplinar. Fundamental. O pensamento do desportista deve convergir para o ardor, para a combatividade, suprema afirmação da beleza muscular, mas não tergiversar um instante sequer, da nobreza de atitudes. Este capítulo estava esquecido ou mal observado, na maioria dos sectores desportivos.

Impor ordem, não é asfixiar a feição espectacular do desporto. Exigir respeito mútuo, é seguir a directriz de um puro humanitarismo.

A Direcção Geral vai solicitar — conforme o decreto-lei lhe faculta — o auxílio das Câmaras Municipais, organismos corporativos e outras entidades de reconhecida autoridade, para promover a expansão das suas doutrinas. A influência estender-se-á a todos os recantos do país. Criação de gímnasios, fornecê-los de material didáctico, ceder-lhes professores diplomados e integrados no esquema geral adoptado pelo Instituto Nacional de Educação Física, outro organismo que trabalhará em estreita colaboração com a Direcção Geral.

Por todos os meios ao seu alcance, a propaganda persuasiva e pelos factos será a melhor arma.

O público tem também cota parte na disciplina nos terrenos de desporto. Os campos não têm condições que correspondam ao que as conveniências exigem.

Para o público a Direcção Geral tem igualmente tomadas deliberações que a seu tempo serão conhecidas.

Os excessos da assistência filiam-se na ignorância das leis que regem todos os desportos.

A Direcção Geral conta com as medidas que tem em mente, para combater com eficiência essa ignorância.

A Direcção Geral reconhece e aprecia a obra particular. Como lapidariamente se disse no decreto que criou aquêle organismo, nada se tira ao que está feito. Acrescenta-se-lhe alguma coisa de que se espera muito. Abstraindo do I. N. E. F., há colectividades que de certo modo poderão ser um figurino do que a Direcção Geral pretende, como sejam por exemplo o Gímnasio Clube Português, o Ateu Comercial de Lisboa e o Lisboa Gímnasio Clube. Mas ainda lhes falta bastante. A seu tempo a Direcção Geral estudará a maneira de lhes folgar mais a missão, de carácter rigidamente construtivo.

A tese de que há clubes a mais, embora discutível, não está fora de propósito. Existir em cada rua, quasi em cada prédio, mais de um clube, está absolutamente contra indicado. As condições de vida são deficientíssimas. É impossível fazer obra útil, mormente obra sã. Acresce ainda que, na hipótese posta, os entusiasmos e as paixões acirradas pelas vizinhanças próximas degeneram em questões de vulto, perigosas e contrárias à Idéia.

Depois, há a dispersão de esforços, de inteligências, de actividades, que retinidas resultariam em trabalho meritório. Todas as boas vontades devem aproveitar-se, mas cautelosamente e com orientação.

De futuro, para se constituir uma colectividade desportiva, terá de se atender a um mínimo de requisitos ditados pela Direcção Geral. E as que existem terão igualmente, dentro de um prazo que será fixado, de adquirirem os elementos indispensáveis à sua superior finalidade.

A acção da Direcção Geral tem sido recebida com inequívocas demonstrações de simpatia. É curioso e oportuno referir que todos os dirigentes que até agora estiveram em contacto com a Direcção Geral, são unânimes em reconhecer que a *casu estava muito em desordem*.

E aplaudem com satisfação as deliberações do organismo dirigente, no sentido de moralizar e fortalecer a Idéia.

Pouco a pouco, devagar mas seguramente, um pensamento a sobrepôr-se a outro pensamento, os obreiros do Edifício Novo serão infinitamente pequenos ante a grandiosidade do trabalho em curso.

Sem que todos nos integremos de boa vontade na realização duma idéia superior de carácter nacional, nós, os que praticámos ou praticamos desporto, nunca poderemos servir a Pátria. Há, portanto, que reunir todas as boas vontades entre novos e velhos, para que de futuro os portugueses possam, em qualquer emergência, dar à Nação o que ela de nós vier a exigir.»

LANÇA MOREIRA

Assinar a revista «STADIUM» é contribuir para o próprio Desporto

PREÇO DE ASSINATURA

3 meses Esc. 19\$50  
6 » » 39\$00  
12 » » 78\$00

A Transportadora de Alcântara

DE  
Júlio Custódio e Frutuoso Martins  
TRANSPORTES MECANICOS  
Economia e Segurança

*Mocidade Portuguesa* terá tudo quanto necessita para continuar, tal como até hoje, em progresso sempre crescente.

A seis anos de distância da sua criação, é-nos grato prestar homenagem sincera ao seu labor intenso e prestante, que passará, de futuro, a ser focado, com a possível regularidade, nas nossas colunas.

ABREU TORRES



Olhar cansado,  
trabalho mal executado

Não usem lâmpadas de fraco poder luminoso; elas arruinam a vista. O trabalho executado à sua luz deficiente, é dificilmente perfeito. Empreguem lâmpadas de bom rendimento luminoso. Instalem



PHILIPS

Economisar electricidade, sim, mas em prejuizo da vista, não.

SERRALHA & CORREIA, L.ª

R. Eugénio dos Santos, 9, 2.º-E.  
Telefone a 7307 // ALFAIATERIA  
Fatos para todos os desportos

José Pio Monteiro

TRANSPORTES MECANICOS  
Segurança e rapidez

# O Concurso do «goal» da vitória

## Um prémio de 10.000\$

**STADIUM**, lança hoje, na sua reparação — uma reparação, fruto de persistência que não fenece — a ideia de um concurso, que esperamos encontrem no público o mais entusiástico acolhimento.

O Concurso é, de facto, destinado a toda a gente, acessível a quantos queiram avaliar até que ponto vai o seu grau de palpite, candidatando-se a receber, em troca, prémios que não são para pôr de parte... Pelo contrário. Nesta sua iniciativa, **STADIUM** admite a hipótese de ter de colocar à disposição dos concorrentes mais de meio cento de milhares de escudos, o que não deixa de ser arrojado para uma publicação desportiva!...

Em que consiste o Concurso? Vamos dizê-lo: começará com o Campeonato Nacional de Futebol, no próximo mês de Janeiro.

Semanalmente, **STADIUM** publicará um boletim com a indicação dos clubes que jogam no domingo seguinte. Nele os concorrentes **VOTARÃO NOS NOMES DOS JOGADORES, QUE, SEGUNDO O SEU PALPITE, SERÃO OS MARCADORES DO «GOAL» DA VITÓRIA DOS CLUBES EM LUTA.**

Entendamos agora o que é o «goal» da vitória, ou como êle deverá ser considerado.

O club A vence o B por 3-2, diferença de uma bola; portanto o «goal» da vitória é evidentemente o 3.º mas se o resultado for de 4-2, 3-0 ou 10-0, será **SEMPRE O ÚLTIMO «GOAL»**, o que contará para o prémio.

O concorrente que acertar com o nome dos marcadores do último «goal» dos clubes vencedores, terá direito a um prémio de 6.000\$00, que será o 1.º prémio.

Como o Congresso da Federação Portuguesa de Futebol ainda não reuniu, não se sabe quantos clubes comportará a I Divisão Nacional. Fiquem os 12 da época passada, sejam reduzidos a 10 ou a 8, podemos fixar um mínimo de 3 jogos para a atribuição do 2.º prémio, no valor de 1.000\$00.

O 3.º prémio, 500\$00, caberá ao concorrente que acerte com um único nome de um dos marcadores.

Mas o prémio «gordo», o mais apetecível, poderá ter a virtude de compensar a teimosia e tenacidade dos concorrentes.

É um **PRÉMIO ESPECIAL**, de 10.000\$00, para aquele dos concorrentes que durante o campeonato tenha acertado, em cada domingo, com, pelo menos, um dos nomes dos marcadores. Será por consequência, frisemos, bem, **ATRIBUÍDO NO FIM DA PROVA**, enquanto os 3 primeiros, estarão todas as semanas ao alcance dos concorrentes... que acertarem, claro está!

Como é óbvio, visto tratar-se de «goal» da vitória, os empates não contam.

Quando houver mais de um concorrente qualificado para qualquer dos 4 prémios, o valor destes será distribuído equitativamente por todos.

Mas... ainda não é tudo... O nosso concurso não se limita a interessar somente os entusiastas que vão aos jogos.

Dirige-se também aos próprios jogadores, numa simultaneidade tão curiosa como inédita.

**AOS JOGADORES QUE MARCAREM O ÚLTIMO «GOAL» — O «GOAL DA VITÓRIA» — SERÁ ATRIBUÍDO UM PRÉMIO DE 100\$00!...**

É um estímulo precioso, que os jogadores arduamente disputarão.

# À LAREIRA

Stadium reaparece hoje, voltando a inserir a sua Secção de Problemas de Palavras Cruzadas que se intitulará A Lareira.

Todos os amigos de Stadium, entusiastas de tão instrutivo *passa-tempo*, podem colaborar em A Lareira, enviando-nos os seus problemas, sempre em duplicado (tapête de apresentação e tapête solucionado, ambos a tinta da China) que deverão ser elaborados, única e exclusivamente, pelos dicionários e mais livros que abaixo mencionamos.

Toda a correspondência referente à Secção deverá ser en-

dereçada a A Lareira, e remetida à Redacção da Stadium, Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º, ao Intendente.

O prazo para a recepção de soluções é de 30 dias.

Os dicionários e outros livros adoptados em A Lareira são os seguintes:

Cândido de Figueiredo, 4.ª Ed., 2 vol.;

Fonseca e Roquete, Língua Portuguesa e Sinónimos;

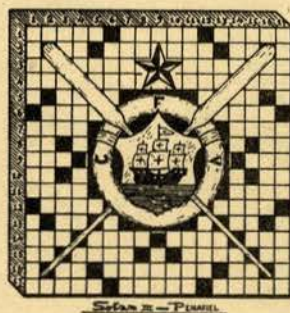
Francisco Torrinha, última edição;

Do Povo;

Sinónimos e Mitologia de Bandeira;

Mitologia e Chompré.

PROBLEMA N.º 1



### HORIZONTAIS

- 1 — Demasia; Auxílio; Decrépito.
- 2 — Afastado da convivência social; Bago; Futil; Distava.
- 3 — Batráquio; Cabelo raro; Dias; Viração.
- 4 — Constelação austral; Bom gosto; Origem; Além.
- 5 — Difícil; Sim.
- 6 — Solenidade; Discórdia.
- 7 — Classe de tropa; O mesmo que *Boneca*.
- 8 — Porquê; O.
- 9 — Fôrça; Panela.
- 10 — Letra grega; Outra coisa.
- 11 — Aroma; Terror.
- 12 — Tesouro; Depressa.
- 13 — O lado do vento; Abrev. de *Nordeste*.
- 14 — Corcovo; Orifício imperceptível na derme; Descoberta.
- 15 — Contr. pop. de *senhor*; Querido; Dificuldade; Parrecença.
- 16 — Pedra de moínho; Enfeite; Pôpa (do navio).
- 17 — Derramado; Pequeno crustáceo isopode, de água doce; Sepultura.

### VERTICAIS

- 1 — Pano de linho, com ramagens e, às vezes, te-

- cido de ouro; Animáculo aracnídeo; Haste de madeira.
- 2 — Clima; Gracêjo de mau gosto; Ensejo.
- 3 — Artigo (pl.); Desejam; Margem; Mulo.
- 4 — Aparência; Grande cão de fila; Região dos mortos; Cinto dos calções.
- 5 — Estás; Instrumento de padejar.
- 6 — Galões; Excepto.
- 7 — Caução; Giro.
- 8 — Desde então; Existes.
- 9 — Unidade das medidas agrárias francesas.
- 10 — Compaixão; Ele.
- 11 — Parte do lombo do boi, entre a pá e a extremidade do cachaço; Dinheiro.
- 12 — Navegar; Macio.
- 13 — Nesse lugar; O mesmo que *Assé*.
- 14 — Aqui está; Destino; Aprovação; Agora.
- 15 — Nada; O mesmo que *Axe*; Lugar de delícias e de felicidade tranqüilla; Preposição.
- 16 — O mais; Encaracolado; Uma.
- 17 — Corda grossa, para apertar a carga do carro de bois; Que sofre de alália; Epístola.

Ficam assim, expostas as bases do Concurso «goal da vitória», que de Janeiro a Maio vai agitar o País de Norte a Sul.

Leitores amigos: vamos portanto, apurar o sentido das previsões, tomar contacto, se preciso for, com a «Buxa da Arruda» e esperar que comece o Campeonato Nacional para preencher os boletins, que começaremos a publicar logo que esteja feito o sorteio para a grande competição.

**P**ARA se escrever sobre ciclismo no último mês do ano, nenhum assunto terá mais oportunidade que a análise dos factos de maior evidência ocorridos na última época. E que a nova temporada de provas está ainda longe e os corredores, com as suas máquinas equipadas «em turismo» e a rolarem de guidador e tronco levantados, não dão motivo para que se fale já de treinos, de competições ou de proezas singulares. Reportemo-nos, portanto, ao «passado» e ao «presente», porque do futuro trataremos mais tarde.

### Desportivamente, tivemos uma excelente época

Decorreu a temporada de 1942 sem atritos de maior, no que diz respeito a entendimento entre atletas, dirigentes e delegados e directores da federação do ciclismo.



João Lourenço, o corredor que obteve, como se verá em próximo artigo, o melhor quociente de classificações no conjunto da época

Algumas desinteligências surgidas a princípio sobre a participação de corredores nas organizações da U. V. P., e certa rivalidade que se estava a criar nos dois mais fortes agrupamentos da capital — rivalidade mais tarde felizmente orientada com sentido absolutamente desportivo — não impediram que, pela temporada adiante, se verificassem simpáticas manifestações de solidariedade e camaradagem entre atletas e orientadores, em tal comunhão de idéias que bem podem servir de exemplo a todos quantos desejarem fazer algo em benefício da modalidade.

Reconheceu-se, nas colectividades, que é com adversários fortes e de prestígio que se podem valorizar os triunfos obtidos. Verificou-se, e ainda bem, que não é fugindo à luta que se conseguem obter vitórias de mérito. Concordeu-se, igualmente, que só ajudando a velha federação — prestimosa pela perseverança com que tem trabalhado, às vezes sózinha, pela manutenção de uma modalidade que lhe é tão querida é que se pode efectuar obra construtiva. E, assim, Sporting, Iluminante e Rio de Janeiro, no que se refere a «independentes», e Belenenses, Lisgás, e ainda o Sporting, noutras categorias, não tiveram relutância em entreajudar-se dentro dos seus recursos, conseguindo dessa maneira demonstrar que o melhor processo de valorizar o trabalho próprio é ainda não dificultar o alheio. Semelhante cooperação foi tão

## ASPECTOS DO CICLISMO PORTUGUÊS



### A época de 1942, sem ser das mais brilhantes, foi no entanto bastante meritória em resultados técnicos

oportuna e eficaz que possuiu a virtude de impressionar os próprios corredores. Só assim se compreende que os dois maiores rivais, e também os mais valiosos adversários da velopediada actual — Eduardo Lopes e João Lourenço — não tivessem relutância em se coligarem, sem cuidar de saber qual deles era superior, isto com o simpático objectivo de conseguirem no estrangeiro resultados atléticos que dignificassem o seu país e a modalidade que praticavam.

Por estes e outros factos semelhantes, pode afoitamente dizer-se que, desportivamente, a época foi excelente.

### Sob o ponto de vista atlético a época satisfaz

Sem atingir nível excepcional — e isto porque no conjunto vários resultados tiveram valor relativo — a temporada de 1942, quanto ao comportamento atlético dos corredores, satisfaz. E que tivemos mais tantas provas que só por si anularam a má impressão causada pela passividade com que se disputaram muitas outras.

Aquêles «176 quilómetros da U. V. P.», ganhos por Alberto Raposo e percorridos aproximadamente à média de 35 quilómetros, o que permitiu bater o antigo «tempo» da prova por 17 minutos, foram o prólogo de um lote de boas competições e serviram para mostrar o que se pode fazer quando há «classe» — e essa «classe» é bem orientada.

Houve, depois, os excelentes «100 quilómetros contra relógio», que proporcionaram um «tempo» excepcional, obtido justamente por João Lourenço, mas que por serem também disputados em dia excepcional, permitiram que o melhor homem dos 176 quilómetros voltasse a evidenciar-se e que outros corredores, tais como José Martins, Inácio, Lopes, Jacinto e Joaquim Fernandes, conseguissem médias

bastante mais elevadas que as atingidas, em provas semelhantes, nos anos anteriores.

Semanas passadas, a confirmar que, na maioria dos casos, as corridas não valem nem pela sua quilometragem nem pela «classe» dos homens que nelas tomam parte, mas sempre pela maneira como são disputadas, houve três «séries» de 1.000 metros, nos campeonatos de velocidade, que fizeram realçar, de novo, o valor e o saber de João Lourenço e a sua intuição para as provas de pista. No Lumiar viu-se, de facto, num belo domingo, a vitória dum campeão valorizada pela luta cerrada que outro campeão

dado dos «100 clássicos» e dos circuitos da Bairrada, de Pero Pinheiro e de Vila Real. Mas não devemos esquecer que nem sempre há disposição para grandes feitos...

### Técnicamente, não se pode exigir mais

Progrediram tecnicamente os nossos corredores durante a temporada de 1942?

No que diz respeito a material utilizado não houve progressos, porque nada de novo apareceu no mercado, sendo até necessário adaptar o existente às necessidades do momento. Pouco ou nada se importa e, entre nós, em acessórios especiais também pouco se fabrica. No entanto, na maneira de montar, treinar e até de correr, homens há que melhoraram bastante. Neste caso estão João Rebêlo, Raposo, Jacinto, o próprio Inácio e Império dos Santos.

Os homens da Iluminante devem a sua melhoria ao cuidado, digamos mesmo à meticulosidade com que o seu treinador obsequioso — o competente Piedade — os orienta e lhes desenha as máquinas. Quanto aos restantes, será talvez por uma questão de casualidade que modificaram a sua maneira de montar. Todavia, melhoraram.

Pode mesmo dizer-se, já sem receio, que os nossos melhores corredores «andam de bicicleta» como os mais consagrados estradistas de além-fronteiras. O estilo de Lourenço — mais o estilo que a sua própria figura sobre a máquina — e o de Lopes, de Aristides e de Raposo, podem considerar-se perfeitos e dentro da boa técnica de correr.

Não admira, portanto, que semelhantes estilos tivessem impressionado tão agradavelmente os espanhóis, pois entre os nossos vizinhos não se monta melhor.

Há mesmo em Espanha certos corredores, tais como Sancho, Esquerria, Martin, dos da nova geração, e Gascon, Carretero, Dermitt e Ricardo Montero, dos que já abandonaram a actividade, a quem as posições dos estradistas portugueses causariam... inveja. Ora isto, que significa acentuada melhoria técnica, deve encher-nos de orgulho e confortar moralmente todos quantos contribuíram, com o exemplo ou a técnica, para o progresso atingido.

GIL MOREIRA



Alberto Raposo, o estradista mais regular da temporada de 1942

lhe moveu. Para nós, essa vitória tem muito mais mérito — e João Lourenço decerto o compreenderá — que a conquistada no «nacional de fundo» porque, atléticamente — e é sob este aspecto que a análise — aquela devia ter-lhe «sido bastante mais difícil de obter.

Teve também foros de grande proeza o clássico Porto-Lisboa, prova da qual deve dizer-se que foi «bem ganha», mas muito mais «bem disputada». Porque só sendo admiravelmente corrida é que seria possível chegar-se ao final da competição, como sucedeu, com o «récord» batido por seis concorrentes, três dos quais pela bagatela de 18 minutos e 25 segundos.

Se juntarmos ainda às provas já citadas o circuito de Sintra, duríssima corrida, ganha por João Rebêlo de maneira justa, e os circuitos do Sobral, de Espinho e da Malveira, em que Francisco Inácio mostrou ser estradista de primeiro plano, isto mais pela maneira como se impôs do que propriamente pelas suas vitórias, temos de concordar que a época teve um conjunto de corridas valiosas, em que se lutou com brio, e onde se procurou justificar que o nome de «ases» nem sempre é despropósito. Pena foi que tal brio andasse tão arre-



Eduardo Lopes, o homem que conseguiu maior pontuação em 13 provas que disputou

BICICLETAS?

«FLECHA»

«FLECHA»

só «FLECHA»

# PORTO



Um grupo de gimnastas do Feminino A. C...



O grupo do Académico, da mesma modalidade



A equipa do Infante de Sagres, campeão regional de hockey em patins



Uma fase do jogo Infante de Sagres-Académico, que decidiu a posse do título.

# O F.C.P. É JÁ CAMPEÃO DO PORTO

PORTO-SALGUEIROS



BOAVISTA-LEIXÕES



(Foto Hermann)



# STADIUM

- 1 — Correia Dias procura rematar, mas não consegue.
- 2 — O 7.º goal do Porto.
- 3 — O guarda-redes do Salgueiros numa defesa em bom estilo.
- 4 — Ernesto, do Boavista, alveja a rede do Leixões.
- 5 — A pressão dos avançados do Boavista é acentuada.
- 6 — O 3.º goal do Boavista.